

Moda, Corpo e Subjetivação: A influência da cultura de massa na ficcionalização de uma identidade fashion feminina através de croquis realizados em loja de tecidos em Juazeiro do Norte – CE

Edla Freitas RIBEIRO¹
Paula PERIN² (Orientadora)

"No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contacto primário do indivíduo com o ambiente que o cerca"

(Daolio, 1995, p. 105)

Resumo

Este estudo pretende ser o início de uma problematização das dimensões de interferência que a chamada cultura de massa provoca no imaginário coletivo. Este é um processo que faz emergir uma experiência de ficcionalização do corpo feminino, através da imersão em um modelo existente apenas na dimensão do desenho gráfico (croqui). Neste contexto, há a violação ou do modelo (o tipo de roupa que o estilista criou por indicação do cliente) ou do próprio corpo do cliente o qual não condiz (étnica, cultural, social e historicamente) com os padrões do corpo desenhado. Assim, o desenho passa a ser muito mais um objeto ativador de uma semiose ficcional do que uma orientação real e concreta para a construção de um vestuário. De sobremodo, se problematiza a relação sujeito x vestimenta e, assim, exigindo uma investigação mais profunda dessa realidade.

Palavras-chave: corpo; vestimenta; indumentária; moda; consumo.

O corpo: do material ao intangível

A história do corpo é feita do entrecruzamento de sentidos e possibilidades. As particularidades enfatizadas por cada cultura desenham as regras e os valores regentes da sociedade que as praticou. Diante dessa articulação, o ambiente e os afetos modificam-se e são traduzidos e atualizados na dinâmica de um corpo pensado para refletir tais alterações. Partindo de tal compreensão, podemos afirmar que nossa existência é, numa primeira instância, corporal. Em decorrência disso, partindo-se dessa configuração de corpo como

¹ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri - UFCA (Juazeiro do Norte-CE). Licenciada em Letras pela Universidade Regional do Cariri – URCA (Crato-CE). Tem formação técnica em moda pelo SENAC (CE). Atua no campo do estilismo e produção de figurino. E-mail: edlaribeioribeiro@gmail.com

² Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Professora do Curso de Letras oferecido pela Parfor/Urca no Polo de Várzea Alegre. E-mail: paula.perin@hotmail.com

“primeiro suporte” que vai agregando em torno de si novas instâncias, pode-se afirmar que a presença de homens e mulheres no mundo é autenticada sob uma articulação de subjetividades. (LE BRETON, 2006)

Recorrendo-se a uma perspectiva histórica, como primeira leitura atribuída ao corpo, é possível fazer referência ao ideal grego. Apreciar um corpo nu, bem proporcionado, era testemunhar a existência de um cidadão aprimorado tanto física quanto mentalmente. Nesse contexto, a moral não exercia autoridade sobre as dimensões de corpo e sexo. O controle se constituía na necessidade de evitar excessos, o que seria indicativo de falta de controle sobre si. É preciso destacar que mulheres e escravos estavam excluídos da categoria de cidadãos (ROSÁRIO, 2006). Dessa maneira, não seria exagero supor que a concepção de corpo já era fruto de uma condição social, inclusive apontando lugares autorizados e desautorizados no jogo social, ou, dito de outra forma: de dominação e de subalternidade.

A esse respeito assim se refere Ieda Tucherman (2004 *apud* BARBOSA, 2011):

[...] na Grécia antiga, a nudez tinha um outro e curioso valor: o imaginário do interior do corpo humano na época de Péricles, marcado pelo calor corporal que antecederia o próprio nascimento, determinando que fetos bem aquecidos, desde o início da gravidez, deveriam tornar-se machos e que fetos carentes de aquecimento seriam fêmeas. Acreditava-se que macho e fêmea eram dois pólos de um continuum corporal, sendo a diferença entre ambos uma diferença de grau e não de natureza, sendo o grau referente ao calor corporal; o corpo teria um único sexo de modo que fetos masculinos, precariamente aquecidos, tornar-se-iam homens afeminados e fetos femininos, muito aquecidos, tornar-se-iam mulheres masculinizadas. (Tucherman, 2004). O próprio Aristóteles, mais tarde, distingue o sangue menstrual, frio, do esperma, sangue quente, superior, porque gera vida. (grifos no original)

Ainda dentro da perspectiva histórica, constatamos que o fortalecimento da cultura da culpa pregada pelo cristianismo silencia o corpo. A beleza é caminho para o pecado, para o proibido, para a perdição. A glória que os gregos buscavam, entre os cristãos só pode ser alcançada pela dor física, que levaria à evolução espiritual e, conseqüentemente, à vida eterna. Por isso é necessário cobrir a abominável vestimenta da alma.

Avançando mais adiante é possível perceber que a presença do corpo psicanalítico, tratada por Freud³, concebe relações entre a esfera biológica e o psiquismo. O inconsciente confronta o corpo, evidenciando uma lógica regulada pelo desejo, numa representação sequenciada pela linguagem. Nessa perspectiva, as pulsões são decisivas para a emersão corporal do eu. Em Kyrillos Neto (2007), encontra-se um oportuno recorte histórico acerca deste conceito freudiano:

Partindo da descoberta que a fala afeta o corpo, Freud ouvindo suas histéricas, salientou, na verdade a ideia de um conflito inconsciente que remete a um desejo de ordem sexual. Se o corpo da histérica se afasta do corpo da anatomia, ele se aproxima, no entanto, de um corpo representado a partir de uma linguagem popular e não científica. **Essa diferença, entre o corpo científico e o corpo popular, evidenciado de forma exemplar pelo fenômeno da conversão histérica, inaugura a distinção entre o corpo biológico e o corpo psicanalítico.** (grifo nosso)

Mediante o exposto, podemos constatar que, a partir do advento da psicanálise a abordagem acerca do uso e funcionamento do corpo em diferentes instâncias de significação da cena contemporânea passa a exigir todo um remanejamento do simbólico. Só assim se poderá, efetivamente se construir uma leitura proficiente das subjetividades ativadas pelo corpo e seus novos trajetos e trajés.

Contudo, atualmente, falar de uma dicotomia para o corpo – uma presença intangível numa existência material – encontra uma nova dificuldade no fragmentado mundo pós-moderno. Saímos de uma realidade burguesa pronta, de respostas facilmente encontradas dentro do ciclo de tradições, para uma civilização de conceitos inacabados, onde a “necrose” destas mesmas tradições parece se encontrar já em um adiantado estágio frente à velocidade das relações, inclusive de poder, consumo e política. O corpo agora pede releituras de suas intervenções, numa cadeia reprodutora de identidades.

Do corpo precário à (cyber)identidades emergentes

Caracteristicamente, o corpo é construído por meio de simulações que questionam as noções de realidade e aparência. As transformações da silhueta, que antes eram extrafísicas, isto é, serviam como próteses removíveis, são agora engendradas, muitas vezes em definitivo, no corpo físico como expressão do corpo psíquico. Num mundo tecnológico, as máquinas não estão apenas para servir ao homem. Elas estão no próprio homem, como extensão de seu corpo.

Ancorada no espaço corporal, a identidade contemporânea se mostra mutante, instável e frágil, o que facilita rupturas e encaminha inovações. Contudo, o metamorfoseamento do corpo na atualidade, ao invés de sugerir a posse completa de si mesmo, tem indicado um estado de consciência flutuante, desconsiderando ancoradouros de experiência, beirando à indiferença do sujeito com relação a um “eu-profundo” outrora pretendido. Os padrões – inalcançáveis – impostos pelo mercado criam, assim, imagens

fascinantes. O desejo de ser tem se estabelecido a partir de outro, sempre evasivo, fugidio ou provisório como um holograma. Persegue-se um eu-outro-inalcançável, posto que seu corpo, a sua própria dimensão material, inexistente enquanto padrão corpóreo biológico possível para maioria dos que o buscam.

A maneira como indivíduos rendem seu corpo à moda é nitidamente uma resposta ao discurso do Outro, seja para rejeitá-lo, seja para tomá-lo para si. A moda (...) adquire hoje o sentido de uma estratégia corporal na busca de mais expressão, propiciando movimentos de simulação e dissimulação, aumentando o poder de afetar e ser afetado (BAUDRILLARD *apud* SANTAELLA, 2004, p. 118).

Frente a este cenário, não é exagero afirmar que a contemporaneidade negociou novas dicotomias no diálogo com o corpo. A mudança do discurso altera o modo como ele é visto. Do corpo grego talhado ao corpo cristão crucificado, passando pelo corpo psicanalítico, chegando ao culto do corpo perfeito, atingem diretamente o imaginário dos indivíduos. Mesmo a forma como tais indivíduos articulam seus próprios corpos dentro das mais diversas situações de interação no jogo social contemporâneo, criando não apenas novas sintaxes, como (e principalmente) estabelecendo novos dispositivos de poder, inclusive, político, nos enfrentamentos (empoderamentos, sublimações, rejeições, dominações, subalternizações dentre outras formas).

Isso posto, temos como resultante o fato de que, a sociedade do espetáculo opera sob uma lógica do consumo, pulverizando os limites do eu e dos meios sociais. Todo ordenamento compartilhado sofre perdas provocadas pela busca de uma pseudoliberalidade. No entanto, a conotação atribuída aos conceitos de liberdade, felicidade e autonomia oferecidas à sociedade estaria mais coerente com o que se pode entender por tédio. (DEBORD, 1997).

O culto ao corpo se ergue sobre um remanejamento simbólico e de valores, numa subjetivação incapaz de ultrapassar os processos primários do ser humano. Isto é, a idolatria a si subestima o sujeito. Anula seu sentido histórico.

Acerca deste aparente contínuo estágio de espetacularização, é oportuna a reflexão de Kyrillos Neto (2007), ao defender que,

A contemporaneidade tem como um de seus referenciais o corpo a mostra. A corpolatria tem sido cultivada nas diferentes apresentações do corpo. Nesse mostrar-se a si mesmo e aos outros o corpo passou a ser estetizado e espetacularizado semelhante a outras esferas culturais, levando a uma colonização pela estética, tornando-se uma mercadoria preciosa.

E, na busca constante e exaustiva de adquirir essa mercadoria, pode-se refletir que o futuro representa só o tempo de espera pela próxima novidade do mercado, a nova tendência, aquilo que todos têm que usar, todos têm que ter. O indivíduo se contenta a ser enclausurado na sua imagem do espelho.

Moda e habitus

Vestir-se, mais do que uma ação física, é o projeto de um estado mental. Cobrir-se é cercar-se de artifícios. O sujeito tenta dar significado visual a si mesmo. Um corpo nu só é expressivo quando colocado em contexto, logo, quando é “vestido” por ideias que o estendam para além de si e de sua nudez aparente. Assim, vestuário lida com dois valores sociais: o intrínseco – aquilo que existe por si mesmo – e o extrínseco – o que é alheio à vontade do sujeito. No cenário do contemporâneo, o corpo é um sinal distintivo, um vetor de individualidades, um suporte, onde alegorias atribuem identidades. Cultura e sociedade se inscrevem no manifesto do corpo, numa contínua produção de sentido, reelaborando as informações em trânsito.

De tal modo, para reconhecer as mudanças em marcha na sociedade, às vezes, é preciso simplesmente um olhar atento ao que o corpo veste. A constituição da sociedade e de suas regras de convívio se concretiza através da indumentária. Isto é, tanto o corpo quanto a roupa passam a residir num espaço imaterial, ordenado pela imaterialidade das relações.

A evolução da indumentária parte, inicialmente, da necessidade de proteção. Sob este signo, o homem executa uma transição que o levará aos primeiros ensaios de identidade e vida comunitária.

A roupa, então, vira invenção.

Sua tessitura sígnica é emaranhada por fios emblemáticos, exibindo atos e costumes do povo que a veste. Assinala o desenvolvimento econômico, político e cultural. Diz mais sobre o ser humano do que muitas ciências, justamente por que pode, num único recorte, arregimentar várias destas ciências para a superfície de uma mesma e, aparentemente simples, peça (ex.: uma saia, uma blusa, calça, vestido, colete, etc.). Desperta sentidos no sujeito e ganha novos significados atribuídos por ele. Um atualiza o outro.

Cobrir o corpo, protegê-lo das intempéries, compõem uma trama pré-histórica no extenso processo de superação e domínio da natureza. O conhecimento refinou técnicas e ferramentas. Da Idade da Pedra a Idade do Ferro, peles de animais foram nossas primeiras indumentárias. Cortes feitos nas peles, na altura onde ficariam ombros e pescoço inauguram cavas e decote. A preocupação era garantir mobilidade e agilidade durante a caça e outros afazeres, assegurando também a sobrevivência.

A constituição da sociedade e de suas regras de convívio dão um novo significado à roupa. O abrigo fornecido por elas deixa aos poucos de ser sua função primordial. O fim das comunidades matricêntricas, recolhidas na crença de que só à mulher cabia o poder de procriar; o homem presumindo seu papel de provedor, ao abandonar a caça, desenvolvendo agricultura e pecuária, tomando ciência de sua participação na procriação; a compreensão dos fenômenos naturais e de como lidar com eles, encadeiam novos modos de lidar com o corpo, virtualizam um novo modo de vida, um novo estágio humano. A indumentária que, em seu plano inicial, simboliza proteção, segurança, passa a indicar estado civil, idade, valores, crenças e uma infinidade de acenos possíveis, todos eles potentes na projeção dos novos sentidos emergentes.

Um apuramento estético insere-se na criação de formas novas. A dimensão comunicacional da aparência ganha múltiplos sentidos, embora delimite vivências, afinal, os sujeitos nasciam e morriam reconhecendo seu papel social. O poder investido nesta dinâmica é simplificado e, até mesmo, ignorado no cotidiano. Um tempo em que o ato de vestir-se ainda é uma ação objetiva, regulada legalmente.

O Renascimento e a Revolução Francesa abolem as leis do vestir. A indumentária já não poderia ser usada como sinal de submissão, o indício de uma ainda vulgar noção de liberdade individual. Contudo, já se vê montagem do cenário para o surgimento da moda enquanto dispositivo projetor de alguma atitude.

O advento da Revolução Industrial e das sociedades burguesas, desabrochadas no Ocidente a partir do século XIX, transformam o vestir em fenômeno social. A democracia privilegia a igualdade entre os homens e acentua a noção de individualismo. Essa característica, no entanto, dentro do cenário romântico burguês, ainda é classista e opera sob as demandas da ostentação, do adorno. Neste momento, os indivíduos refletem o que representam socialmente. Há, por assim dizer, um superdimensionamento de seus valores extrínsecos.

Como resultante direto deste estado de transições, os status de costureira e alfaiate passam a equivaler-se, sem, contudo, trazer prestígio à profissão. Há momentos históricos em que a arquitetura do vestir permanece praticamente inalterada. Até a primeira metade do século XIX, a história presencia um momento assim. A lenta circulação de informações sobre os hábitos e costumes de outros centros favorece a estagnação desse quadro. É exatamente o surgimento das publicações de moda que altera a situação.

As primeiras publicações do gênero cooperam para a instituição plena do fenômeno, além de alimentar as ideias de democracia instaladas nas sociedades individualistas. Um dos lançamentos mais importantes é o jornal *La Mode*, em 1829, convida a mulher a se antecipar às tendências, tendo o critério de esquecê-las quando se tornarem de uso comum. Determina, ainda, regras de sofisticação feminina, como trocar de roupa três vezes por dia e não costurar as próprias peças.

O advento burguês revoga em definitivo a neutralização política da roupa e sua passagem para a vida privada. As esferas de poder mudam de alinhamento. É a vontade do capital que passa a distinguir os sujeitos. Os costureiros, no entanto, os novos criadores de moda, conseguem construir uma reputação de prestígio através do poder da sedução que negociam. Já existia a alta costura, entendida como uma arte inovadora em si. A burguesia, em busca de legitimar sua nova condição de poder, deseja para si a sofisticação destinada apenas a reis e nobres.

Embora durante muito tempo submetido à vontade do príncipe, o costureiro torna-se príncipe por sua vez. E ele vai a partir daí ditar a moda, que definitivamente se tornou independente do poder político da vida pública. (...) uma arte cuja regra principal é a inovação e cuja tarefa será, conseqüentemente, introduzir incessantes revoluções das formas, das matérias e dos motivos. E é nessa condição que ela promove uma civilização da moda propriamente dita (MONNEYRON, p. 27).

O sistema aberto que assinalado na indumentária feminina começa a ser questionado no início do século XX. O dimorfismo sexual, como herança aristocrática procura ressaltar neste momento a funcionalidade da roupa masculina, suprimindo o peso dos ornamentos da roupa feminina. Praticidade e simplicidade são o que prega Coco Chanel. É importante ressaltar que os acontecimentos que culminaram com a I Guerra Mundial já estavam em curso antes do início do século. A seriedade do ambiente de trabalho numa época de economia difícil se referenda na moda, através da ausência de cores, numa sisudez que primava pela liberdade.

O comportamento do guarda roupa feminino adota essa rotina com pouca alteração pelas décadas seguintes. Só voltamos a reencontrar alguma suntuosidade com Christian Dior e seu new look, marcado pelo rigor das medidas. Sua proposta não é de retorno à ostentação do século anterior. É mais de exaltação da técnica conjugada num mundo cada vez mais tecnológico. É a moda lendo o mundo.

Uma especialização de mercado substitui o costureiro pelo estilista, responsável pela observação e consumação do desejo e aspiração das massas. Sua inspiração vem das ruas, na expressividade visual que os indivíduos exibem, não mais ditada pela ótica da alta costura. O prêt-à-porter – método de produção e reprodução em grande escala – não se contenta em propor linhas e formas. O espírito dos novos profissionais de moda é atento. Eles procuram dar respostas a uma nova categoria social, os jovens, até então excluídos do mercado de moda. Eles são eleitos os novos interlocutores do inusitado e da ousadia. A visibilidade buscada por eles começa em muitos casos, através da indumentária. A moda que eles vestem é espontânea e acelera um processo social pelo fim das diferenças.

Inovar continuamente apoia a lógica das mudanças atuais nas sociedades do Ocidente tem uma ligação íntima com a programada valorização do novo, travestido de novo, do universo da moda. Muitas foram as reviravoltas que influenciaram a maneira de pensar e de vestir das pessoas das últimas décadas. Vivemos imersos em contextos que impactam os indivíduos e nos colocam diante de realidades possíveis e abertas. A moda está cada vez mais associada ao jeito de ser, com o conjunto de fatores que compõem a identidade individual. Os papéis sociais estão cada vez mais difíceis de serem lidos devido a sua paradoxal superficialidade. Contudo, há sim o que se problematizar aí. Existe profundidade mesmo nas feições esmaecidas.

Moda e ficcionalização: uma breve experiência por traz do croqui

Todo profissional que opta por dedicar-se ao desenho de moda deve ter o cuidado de aprimorar o próprio traço. Quando os primeiros editores de revistas de moda aliaram suas publicações ao nome de grandes artistas da literatura e desenho, delimitaram o lugar de morada da moda, um espaço semelhante ao dos contos de fadas. Um desenho de moda – o croqui – é uma criação imaginativa, que da realidade se apropria só o suficiente para compor suas histórias. A maestria técnica expressa numa folha de papel funciona como uma varinha de condão que cria uma aparência guiada pela sedução para o encantamento. Ou

como um espelho onde a pessoa que usará a peça criada tem o desejo e a intenção de ver a si mesma. É onde a moda deve começar sua arte.

Quando alguém procura um estilista para que este crie um traje exclusivo para si, a noção de espelho é mais decisiva e preponderante.

A popularização dos espaços de moda e o maior acesso dado aos bens de consumo considerados supérfluos, inaugurou uma demanda por profissionais do desenho especializados em moda. As empresas do ramo começaram a contratar estilistas para orientar vendedores, mas principalmente para responder aos anseios dos clientes, seja através do desenho, seja com informações sobre tecidos e modelagens adequadas a cada vestimenta. Por isso, assumir o cargo de estilista numa loja de tecidos para mim foi algo natural.

Tendo exercido a profissão de costureira por quase dez anos, uma inquietação me trouxe a necessidade de delinear novos caminhos. Acredito no poder da informação e na minha capacidade de problematizá-la para chegar a uma possível solução. Sempre fiz uso da informação para compor um estilo próprio, alheio às tendências, conectado ao que a moda tem de original e atemporal, mas, especialmente ao que ela tem de expressivo – tudo aquilo que nos transporta para um território de plurissignificações. As tendências me serviam apenas como referencial, uma proposta a qual eu tinha a liberdade de dizer sim ou não.

Meu retorno ao mercado de moda foi como professora de corte e costura do SENAC – Crato, no Ceará. Foi também um momento de encontro com a comunicação, o que resultou no meu ingresso no curso de Jornalismo da UFCA. A costura já não me interessava como profissão. Mas ainda havia o desejo pela criação. Segui da produção da roupa para a produção de moda, no entanto, sem abandonar completamente a primeira.

Diferentemente do que ocorre com estilistas – *couturier* ou *fashion designer* – que possuem a própria marca, criando estilos que podem ou não virar moda, trabalhar numa loja de tecidos me obrigou a entender não apenas de tendência. Fardamento, figurino, fantasia, história da moda – períodos clássicos, como os anos 60, são recorrentes em festas temáticas – vestimentas de regiões específicas do Brasil e do mundo, cores, seus tons e entretons, também entraram nesse bojo. Um pouco de psicologia também foi necessário. Afinal, quando uma cliente entra numa loja de tecidos, na maioria das vezes, nos traz mais dúvidas e enganos do que certezas. E os enganos são sempre os mais graves, pois, em grande parte,

eles se originam de uma visão deturpada de si mesmas, provocadas pelas engrenagens de uma sociedade consumista e padronizada.

É aqui que o croqui deve funcionar como uma espécie de espelho de papel, onde elas querem desejam não ver a representação gráfica de um corpo real – o seu corpo – mas o corpo de quem a sociedade – marido, família, amigos, televisão, redes sociais – e o mercado – a moda – dizem que elas devem ter.

O caso mais grave parte de mulheres gordas.

Algumas pedem, com o semblante fechado, um vestido que disfarce a barriga. Outras brincam, pedindo que eu faça um milagre ou uma mágica. Muitas usam termos pejorativos para referir-se a si mesmas. Dificilmente ouço dessas mulheres pedidos por trajes que as deixem bonitas, mais bonitas. Tal atitude auto positiva é incomum também entre aquelas consideradas dentro dos termos sociais de beleza. O importante para uma parcela que considero alarmante é não parecer gorda – praticamente um insulto nos nossos dias. Para algumas, a beleza advém disso. Para outras, só não parecer estar acima do peso é o suficiente. É o equivalente a estar bem, independente da saúde.

As profusões de imagens que circulam diariamente por celulares e smartphones provocam uma necessidade de ser visto. Contudo, dentro dessa lógica alienante, os indivíduos são obrigados a não ver mais a si mesmos.

A preocupação com a aparência, comum no Ocidente, exige que as pessoas a seguir tendências – “o que está se usando agora?”, indagação recorrente no meu dia a dia -, confundindo moda/mercado com moda/expressão pessoal.

No início do meu trabalho sofri alguma rejeição pelas formas que meu croqui assumia. A mulher que meu traço exibia era considerada “gorda” por uma parte da clientela. Foi necessário revê-lo para me manter no emprego. Retomei a proposta tradicional: formas alongadas e longilíneas. Assumi outra característica neste processo. Os croquis que produzo para os clientes não possuem rosto. Trajam a vestimenta solicitada, acessórios “adequados”, poses comuns a fotografias – não *selfies*, por dificultarem a visualização da roupa. O espaço em branco no rosto seria onde elas poderiam inserir mentalmente as próprias feições, facilitando a projeção que fazem de si mesmas no corpo que pretendem ter vestidas nas roupas projetadas no papel.

Considerações Finais

A intenção deste trabalho foi fazer uma aproximação de uma realidade presenciada diariamente no ambiente de trabalho. Perceber desde cedo que a liberdade que gerações de mulheres lutaram para conquistar é rejeitada por suas herdeiras, rendidas pelo consumo irrefletido também compõe uma observação a ser feita.

Existe nessa realidade uma patologia gerada por uma subjetivação às avessas. Isto é, o padrão social que diz como essas mulheres devem ser. Elas vivem como personagens de uma vida alheia ao que elas são, muitas delas ignorando realmente o que são, como esquecidas de sua essência. Constrangidas por ser o que são.

Referências

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 24-34, Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 31 /05/2016 2016.

Braunstein, F. & Pépin, J.F. **O lugar do corpo na cultura ocidental**. Lisboa: Piaget Editora. 1999.

Daolio, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus.1995.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREUD, S. (1923) O ego e o id. In **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud Vol XIX**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

KYRILLOS NETO, Fuad. **Psicanálise e corpo na contemporaneidade**. Disponível em: http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/temas_livres/psicanalise_e_corpo_na_contemporaneidade.pdf Acesso: 31 /05/2016 2016.

LAZZARINI, E.R.; VIANA, T.Z **O conceito psicanalítico de corpo ou, de que corpo se trata a psicanálise?** Disponível em http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Eliana_Rigotto_Lazzarini_%20e_Terezinha_de_Camargo_Viana.pdf Acesso em 29/05/2016.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo, Companhia da Letras, 2009.

MONNEYRON, Frédéric. **A moda e seus desafios: 50 questões fundamentais**. Editora SENAC São Paulo, 2007.

Rosário, Nísia M. (2004) **Mundo contemporâneo: corpo em metamorfose**. Disponível em http://www.comunica.usininos.br/semiotica/nisia_semiotica/conteúdos/corpo.htm. Acessado em 29/05/2016

SANTAELLA, L. **Corpo e Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2004.